



Atividade Semanal
Recesso
2º ano

06 a 08 de abril de 2020

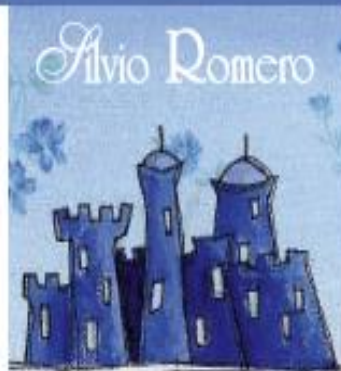
DICA DE HOJE – 2º ANO

06/04 – SEGUNDA-FEIRA

Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4	Atividade 5
Leitura	Glossário	Lista	Receita	Momento de Arte
<p>O adulto realizará a leitura para a criança do livro: “Maria Borralheira” de Silvio Romero.</p> <p>Disponível em: https://www.coletivoleitor.com.br/nossos-livros/maria-borralheira/</p> <p>ANEXO 1</p>	<p>Explorar o glossário ao final do livro com a criança, para entender o significado de algumas palavras desconhecidas no livro.</p> <p>ANEXO 2</p>	<p>A criança deverá registrar em forma de lista, três RECEITAS DE COMIDA preferidas de todos de casa. Se quiser aumentar os registros, poderá entrevistar outras pessoas por rede social ou aplicativo de conversa.</p> <p>Mãos à obra!</p>	<p>O adulto deverá contar a criança uma receita favorita.</p> <p>A criança deve REGISTRAR a receita com a correta estrutura: ingredientes e modo de preparo.</p> <p>Realizar a LEITURA para ver se não faltou nada.</p> <p>Ao final, juntos, poderão FAZER a receita especial!</p>	<p>O adulto deverá escolher uma camiseta (da criança) que já não usa mais para que ela faça uma pintura. Poderá ser feito com tinta ou qualquer caneta que tiver em casa.</p> <p>O que vale é a criatividade.</p> <p>Divirta-se!</p>

ANEXO 1 - LIVRO

MARIA BORRALHEIRA



ilustrações
Rosinha

Pesquisa e seleção de
texto de Maria Viana



Gerente editorial

Sérsio Fios

Editora

Maria Viana

Assistente editorial

Isa P. de Brito

Revisora

Nair Hilari Kayo

Elaboração de glossário

Dolores Araújo Martins

Edição de arte e programação

visual de capa e miolo

Marcia Inês da Martins

Edição de imagens

Conceição



editora scipione

Av. Otávio Alves de Lima, 4-400

Regência do O

CEP: 02909-000 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br

email: atendimento@scipione.com.br

2014

ISBN 978-85-262-5289-7 – AL

ISBN 978-85-262-6000-9 – P18

Cód. do livro CL: 736279

1ª EDIÇÃO

7ª impressão

Imprensa e acabamento

+++
Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livrarias, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a distribuição livre e em abundância de livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Editora Scipione de Livro, SP (Brasil)

Nome do livro

Nome do autor (Maria Viana), ilustrações de Rosinha – São Paulo: Scipione, 2014. (Coleção do acervo de Maria Viana)

1. Livros infantis. I. Rosinha. II. Viana, M.

05-430

CDD-084

Índices para catálogo sistemático

1. Livros infantis. CDD

2. Livros infantis. CDD

Estabelecimento do texto

Visando clareza e inteligibilidade imediata, e também com o intuito de evitar ambiguidades, adotamos alguns critérios na edição, procurando manter a máxima fidelidade possível ao original. Invertimos a posição de termos em algumas orações, ajustamos a pontuação e a colocação pronominal. Há um glossário no final do livro para explicar alguns termos e expressões.

Apresentação

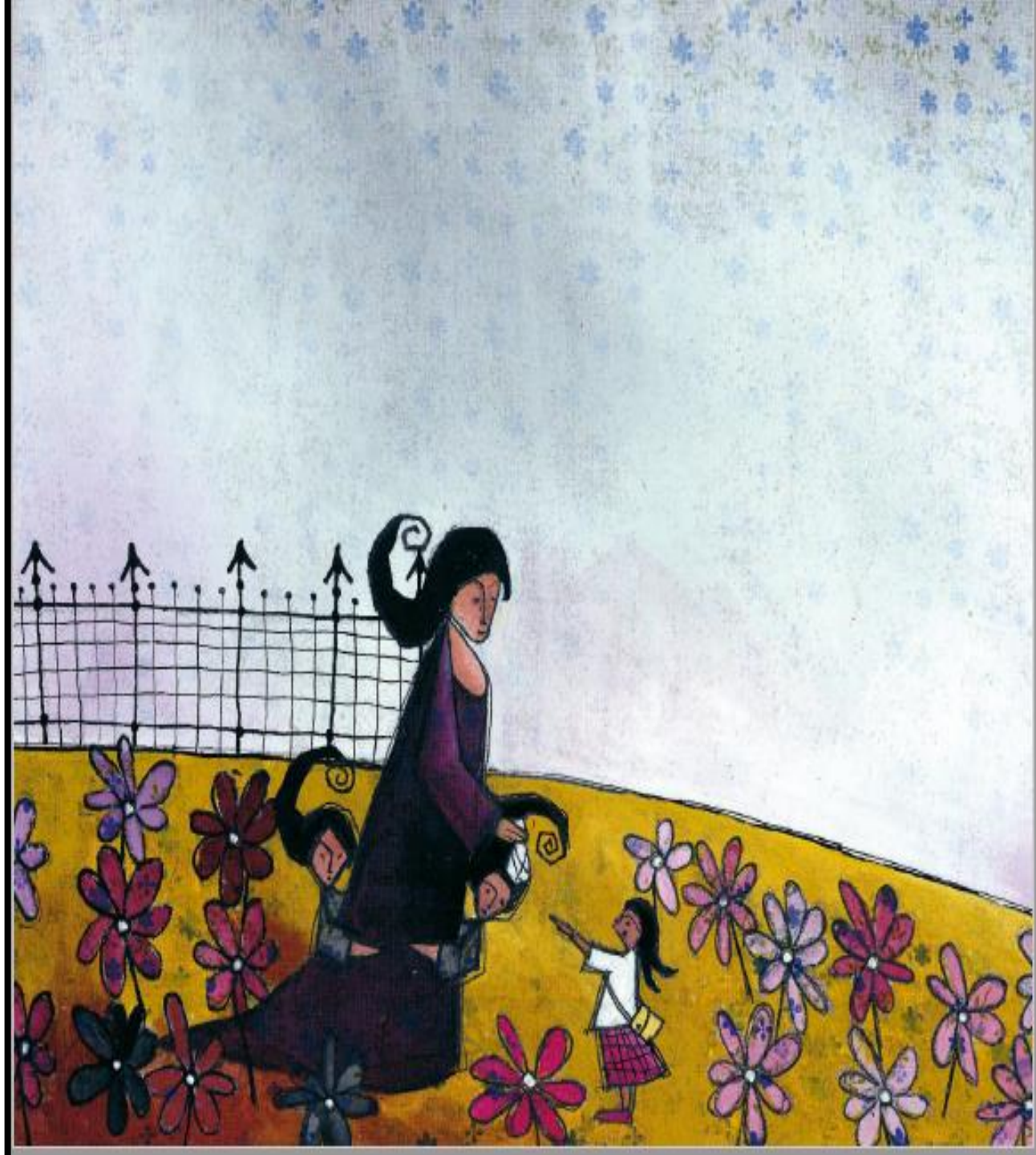
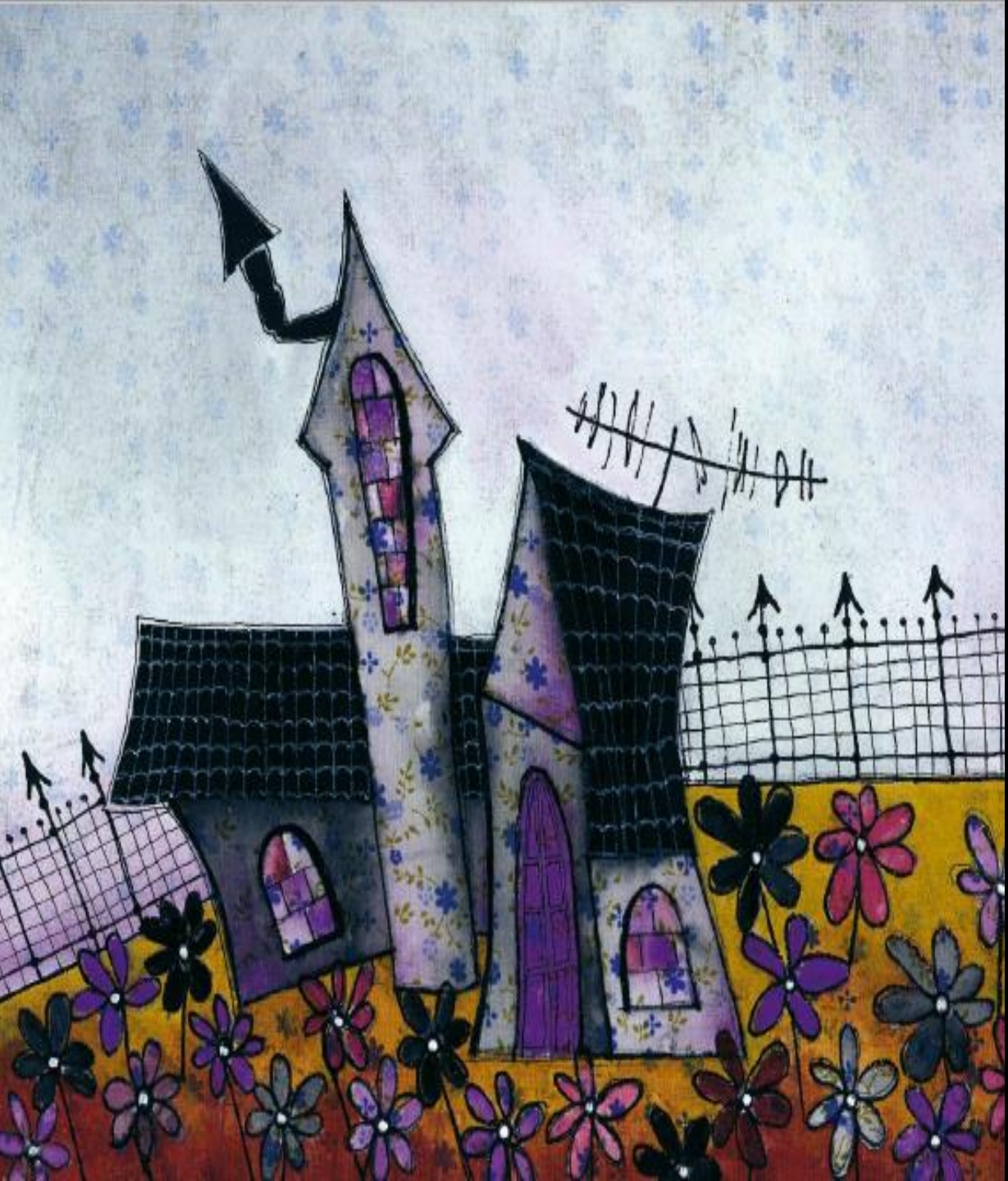
Nos contos maravilhosos, a heroína enfrenta uma série de provas antes de receber a recompensa final: gastar sete sapatos de bronze para finalmente encontrar o castelo onde mora seu amado; conviver com uma fera até descobrir que na verdade é um príncipe encantado; ou esconder-se sob a pele de um asno e passar por várias privações antes de poder revelar sua verdadeira identidade...

Mas, para vencer todos esses obstáculos, geralmente a heroína recebe um objeto mágico, que pode ser um tapete para conduzi-la a países distantes, um espelho encantado onde ela pode ver sua amada fera à beira da morte ou uma varinha de condão, com a ajuda da qual pode transformar seus trajes maltrapilhos em vestidos enfeitados com todas as flores do campo e todas as estrelas do céu.

No conto *Maria Borracheira*, recolhido por Sílvio Romero no interior de Sergipe, você conhecerá uma menina muito especial. Antes de morrer, sua mãe lhe dá de presente uma vaquinha encantada, que vai ajudá-la a enfrentar com coragem e determinação várias situações difíceis.

Boa leitura!

Maria Viana





Havia um homem viúvo que tinha uma filha chamada Maria; a menina, quando ia para a escola, passava pela casa de uma viúva, que tinha duas filhas. A viúva costumava sempre chamar a pequena e agradá-la muito. Depois de algum tempo, começou a lhe dizer que falasse e rogasse a seu pai para casar com ela. A menina falou ao pai para casar com a viúva, porque “ela era muito boa e agradável”.

O pai respondeu: “Minha filha, ela hoje te dá papinhas de mel; amanhã te dará de fel”. Mas a menina sempre vinha com os mesmos pedidos, até que o pai contratou o casamento com a viúva. Nos primeiros tempos ela ainda agradava a pequena, mas depois começou a maltratá-la.



Tudo o que havia de mais aborrecido e trabalhoso no trato da casa era a órfã que fazia. Depois de mocinha, era ela que ia à fonte buscar água e ao mato buscar lenha; era quem acendia o fogo e vivia muito suja no borralho. Daí lhe veio o nome de Maria Borracheira. Uma vez, para maltratá-la, a madrasta lhe deu como tarefa uma quantidade muito grande de algodão para fiar e disse que naquele dia mesmo devia ficar pronta.

Maria tinha uma vaquinha, que sua mãe lhe tinha deixado; vendo-se assim tão atarefada, correu, foi ter com a vaquinha e lhe contou, chorando, os seus trabalhos.

A vaquinha lhe disse: "Não tem nada; traga o algodão que eu engulo, e, quando botar fora, é fiado e pronto em novelos". Assim foi. Enquanto a vaquinha engolia o algodão, Maria estava brincando. Quando foi de tarde, a vaquinha deitou para fora aquela porção de novelos tão alvos e bonitos!... Maria, muito contente, botou-os no cesto e levou-os para casa.



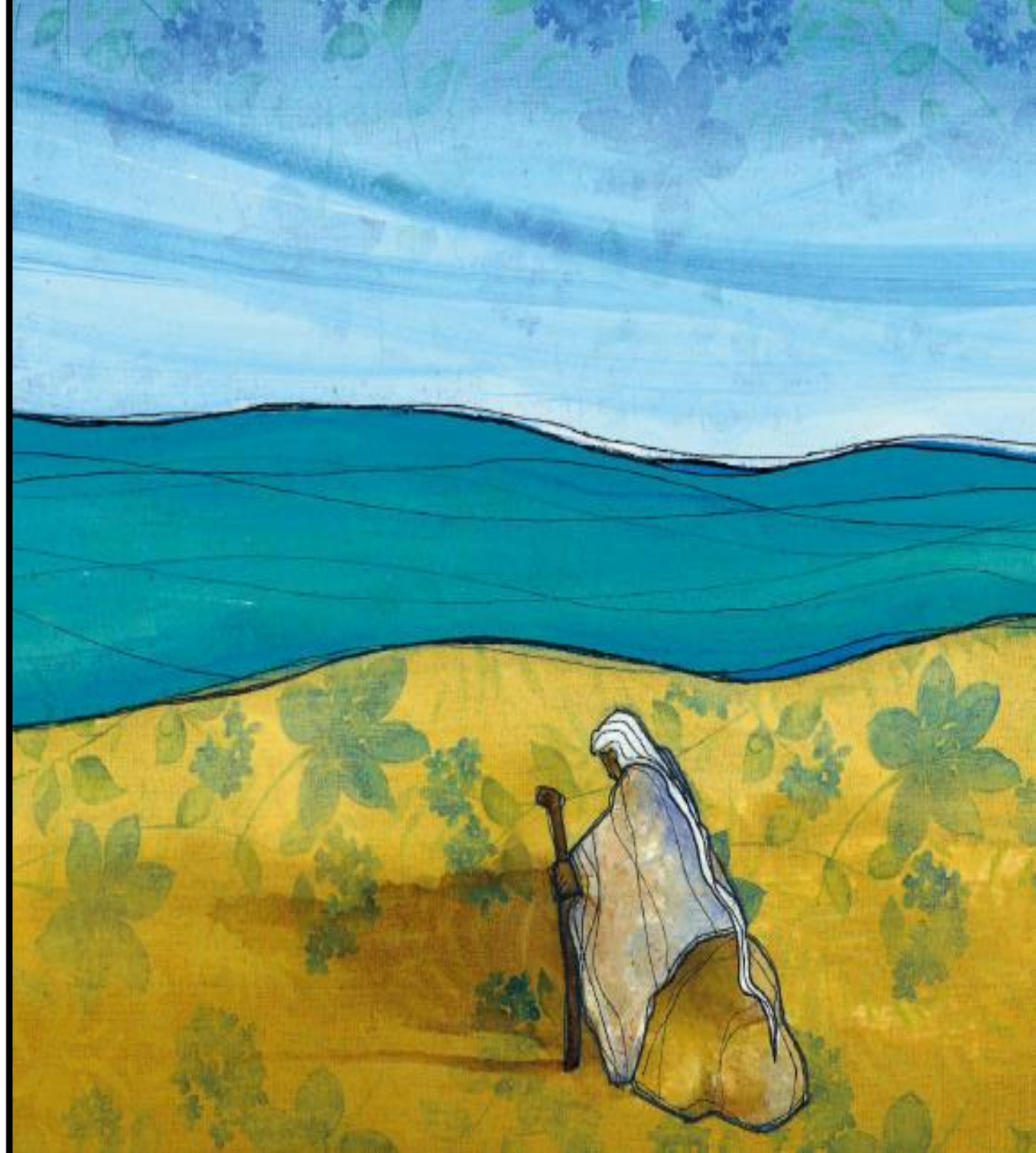
A madrasta ficou muito admirada e, no dia seguinte, lhe deu uma tarefa ainda maior. Maria foi ter com a sua vaquinha, e esta fez o mesmo que da outra vez. No outro dia, a madrasta deu à mocinha uma tarefa de renda para fazer; como sempre, foi a vaquinha que a salvou, engolindo as linhas e botando para fora a renda pronta e muito alva e bonita. A madrasta ficou ainda mais admirada.

Doutra vez mandou-a buscar um cesto cheio d'água. Maria Borracheira saiu muito triste para a fonte e foi ter com a vaquinha, que lhe encheu o cesto, que ela levou para casa. Daí por diante a madrasta de Maria começou a desconfiar e mandou as suas duas filhas espiarem a moça. Elas descobriram que era a vaquinha que fazia tudo para a Borracheira. Daí a tempos a mulher se fingiu **pejada** e com **antojos** e desejou comer a



vaquinha de Maria. O marido não quis consentir; mas por fim teve de ceder à vontade da mulher, que era uma **tarasca** desesperada.

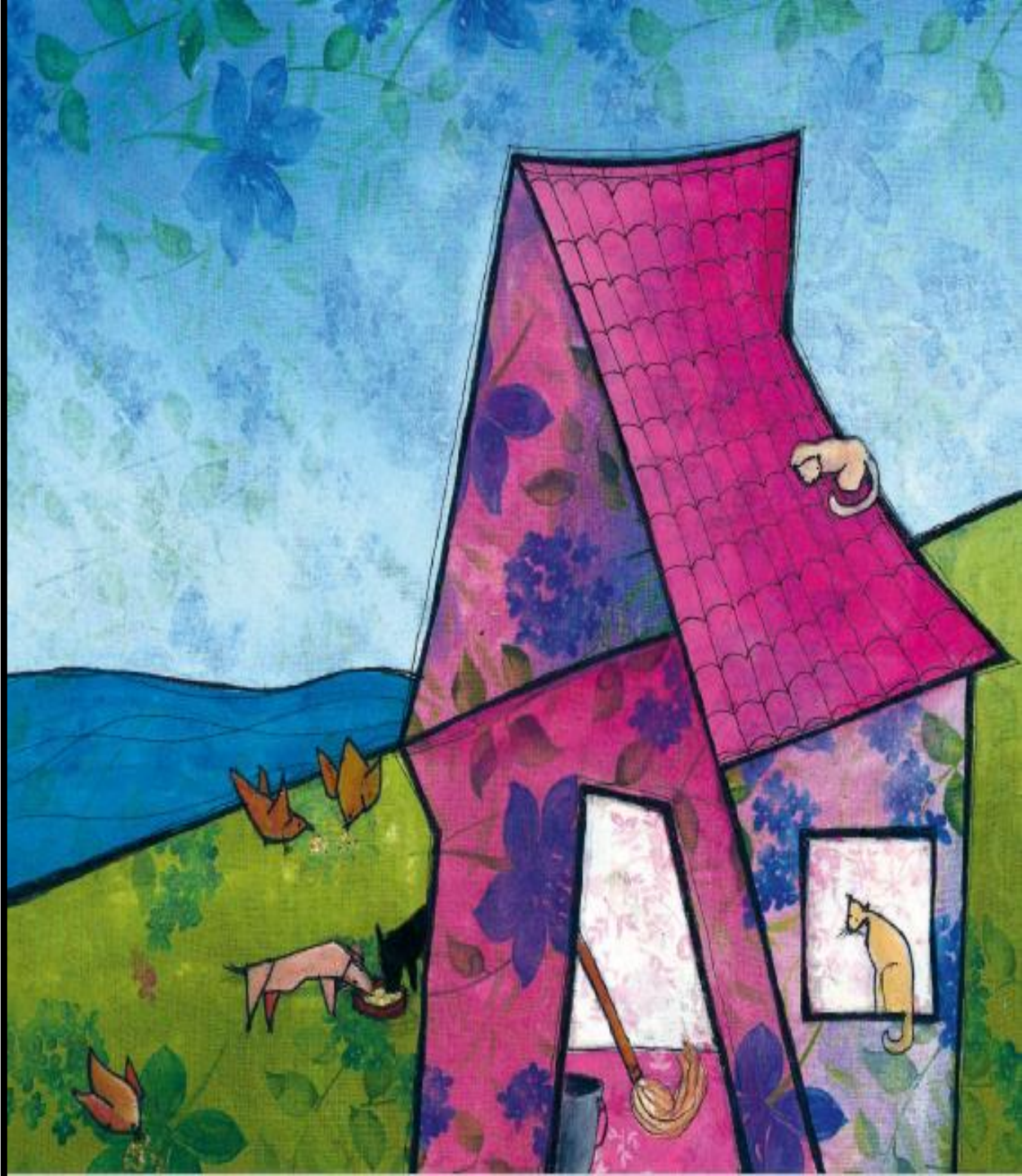
Maria Borracheira foi e contou à vaca o que ia acontecer; ela disse que não tivesse medo; que, quando fosse o dia de a matarem, Maria se oferecesse para ir lavar o **fato**; que dentro dele havia de encontrar uma varinha, que lhe havia de dar tudo o que ela pedisse; e que, depois de lavado o fato, largasse a **gamela** pela corrente abaixo e a fosse acompanhando; que mais adiante havia de encontrar um velhinho muito **chagado** e com fome; que lhe lavasse as feridas e a roupa e lhe desse de comer; que mais adiante havia de encontrar uma casinha com uns gatos e cachorrinhos muito magros e com fome, e a casinha, muito suja; que varresse o cisco e desse de comer aos bichos, e depois de tudo isso voltasse para casa. Assim mesmo foi.





No dia que a madrasta de Maria quis que se matasse a vaquinha, a moça se ofereceu para ir lavar o fato no rio. A madrasta lhe disse com desprezo: “Ô xente! Quem havia de ir senão tu, porca?”.

Morta a vaca, a Borracheira seguiu com o fato para o rio, lá achou nas tripas a varinha de condão e guardou-a. Depois de lavado o fato, botou-o na gamela, largou-a pela correnteza abaixo e a foi acompanhando. Adiante encontrou um velhinho muito chagado e morto de fome e sujo. Lavou-lhe as feridas e a roupa e deu-lhe de comer. Este velhinho era Nosso Senhor. Seguiu com a gamela. Mais adiante encontrou uma casinha muito suja e desarrumada, e com os cachorros e gatos e galinhas muito magros e mortos de fome. Maria Borracheira deu de comer aos bichos, varreu a casa, arrumou todos os trastes e escondeu-se atrás da porta. Daí a pouco chegaram as donas da casa, que eram três velhas *tatas*.

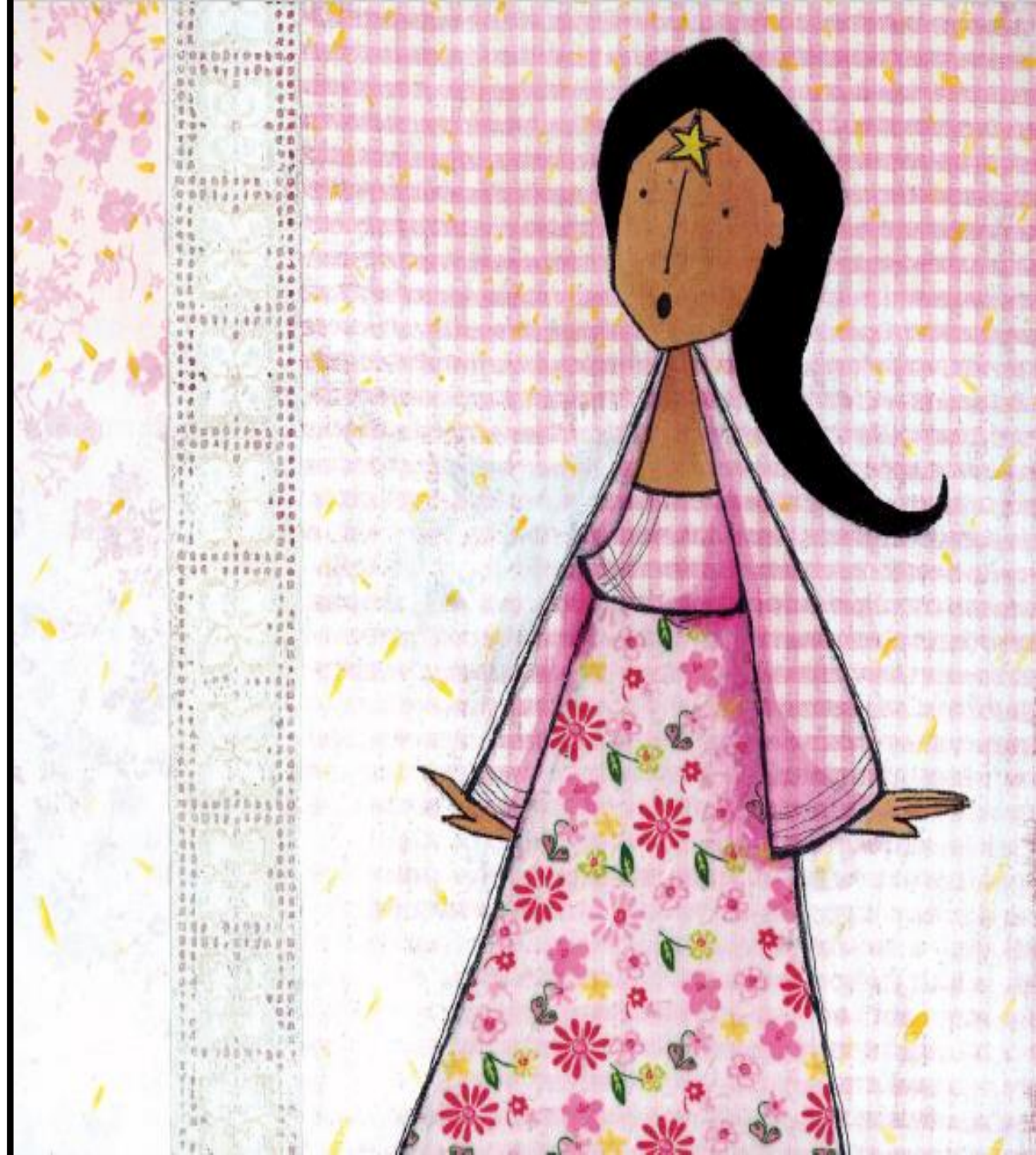






Quando viram aquele benefício, a mais moça disse: “Manas, **faiemos**; faiemos, manas: permita Deus que a quem tanto bem nos fez lhe apareçam uns **chapins** de ouro nos pés. A do meio disse: “Manas, faiemos, manas: permita Deus que a quem tanto bem nos fez lhe nasça uma estrela de ouro na testa”. A mais velha disse: “Faiemos, manas: permita Deus que a quem tanto bem nos fez, quando falar, lhe saiam faiscas de ouro da boca”.

Maria, que estava atrás da porta, apareceu já toda formosa com os chapins de ouro nos pés e estrela de ouro na testa, e quando falava saiam-lhe da boca faiscas de ouro. Amarrou um lenço na cabeça, fingindo doença, para esconder a estrela, tirou os chapins dos pés e foi-se embora para casa. Quando lá chegou, entregou o fato à madrasta e foi para o seu borralho.





Passados alguns dias, as filhas da madrasta lhe viram a estrela, perceberam as faíscas de ouro que lhe saíam da boca e foram contar à mãe. Ela ficou com muita inveja e disse às filhas que indagassem da Borracheira o que é que se devia fazer para ficar assim.

Elas perguntaram e Maria disse: “É muito fácil; vocês peçam para ir também por sua vez lavar o fato de uma vaca no rio; depois de lavado, botem a gamela com ele pela correnteza abaixo e vão acompanhando; quando encontrarem um velhinho muito **feridento**, metam-lhe o pau, e deem muito; mais adiante, quando encontrarem uma casa com uns cachorros e gatos muito magros, emporcalhem a casa, desarrumem tudo, deem nos bichos todos, escondam-se atrás da porta e deixem estar que, quando vocês saírem, não de vir com chapins e estrelas de ouro”. Assim foi.



As moças contaram à mãe, e ela lhes deu um fato para irem lavar no rio. As moças fizeram tudo como Maria Borradeira lhes tinha ensinado. Deram muito no velhinho, emporcalharam a casa, deram muito nos bichos das velhas e se esconderam atrás da porta.

Quando as donas da casa chegaram e viram aquele destroço, a mais moça disse: "Manas, faiemos, manas: permita Deus que a quem tanto mal nos fez lhe apareçam cascos de cavalos nos pés". A do meio disse: "Permita Deus que a quem tanto mal nos fez lhe nasça um rabo de cavalo na testa". A terceira disse: "Permita Deus que a quem tanto mal nos fez, quando falar, lhe saia *porqueira* de cavalo pela boca".

As duas moças, quando saíram de trás da porta, já vinham preparadas com seus enfeites. Quando falaram, sujaram ainda mais a casa das velhinhas. Largaram-se para casa, e, quando a mãe as viu, ficou muito triste.





Tempos depois, houve três dias de festa na cidade, e todos de casa iam à igreja, menos a Borrallheira, que ficava na cinza. Mas, depois de todos saírem, ela logo no primeiro dia pegou a sua varinha de condão e disse: “Minha varinha de condão, pelo condão que Deus vos deu, dai-me um vestido da cor do campo com todas as suas flores”. De repente apareceu o vestido. Maria pediu também uma linda carruagem. Aprontou-se e seguiu.

Quando entrou na igreja, todos ficaram **pasmados** e sem saber quem seria aquela moça tão bonita e tão rica. Aí uma das filhas da madrasta disse à mãe: “Olhe, minha mãe, parece Maria”. A mãe botou-lhe o lenço na boca por causa da **sujidade** que estava saindo, mandando que ela se calasse, que as vizinhas já estavam percebendo.

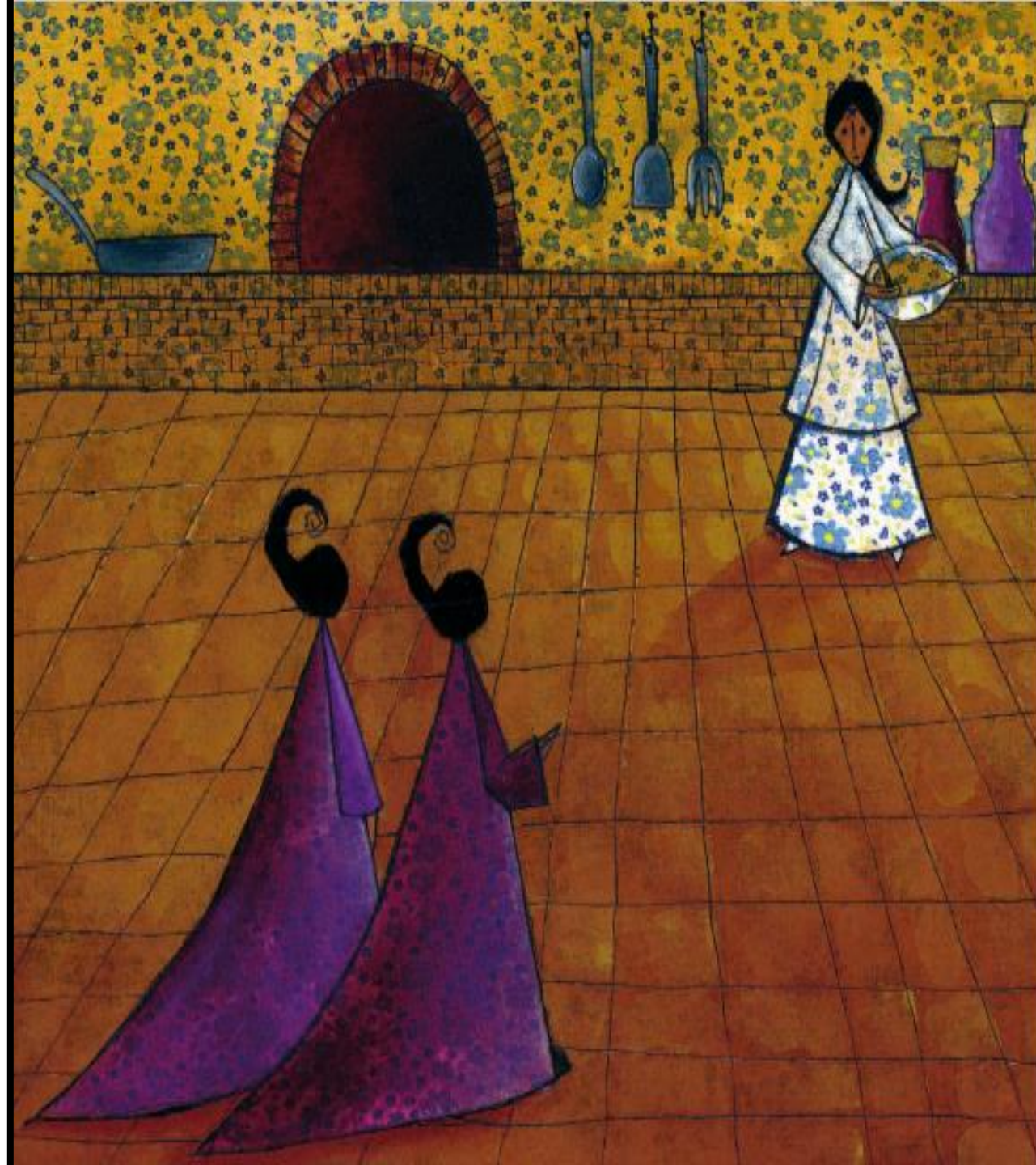
Acabada a festa, quando chegaram em casa, Maria já estava lá **de velha**, metida no borralho. A mãe disse: “Olhem, minhas filhas, aquela porca ali está; não era ela, não; onde ela ia achar uma roupa tão rica?”.



No outro dia, foram todas para a festa e Maria ficou; mas, quando todas se ausentaram, ela pegou a varinha de condão e disse: “Minha varinha de condão, pelo condão que Deus vos deu, dai-me um vestido da cor do mar com todos os seus peixes e uma carruagem ainda mais rica e bela que a primeira”. Apareceu logo tudo, e ela se aprontou e seguiu.

Quando lá chegou, o povo ficou **esbabacado** por tão linda e rica moça, e o filho do rei ficou morto por ela. **Botou-se cerco** para pegá-la na volta, e nada de alcançá-la. Quando as outras pessoas chegaram em casa, Maria já estava lá, metida no seu trabalho. Aí uma das moças disse: “Hoje vi na igreja uma moça que se parecia contigo, Maria!”. Ela respondeu: “Eu?!... Quem sou eu para ir à festa?... Uma pobre cozinheira!”.

No terceiro dia, a mesma coisa; Maria então pediu um vestido da cor do céu com todas as suas estrelas e uma carruagem ainda mais rica. Assim foi e apresentou-se na festa. Na volta, o rei tinha mandado pôr um cerco muito apertado para agarrá-la; porém, ela escapuliu e na carreira lhe caiu um chapim do pé, que o príncipe apanhou.





Depois o rei mandou correr toda a cidade para ver se se achava a dona daquele chapim e o outro seu companheiro.

Experimentou-se o chapim nos pés de todas as moças, e nada. Afinal, só faltavam ir à casa de Maria Borrалheira. Lá foram. A dona da casa apresentou suas filhas; elas, com seus cascos de cavalo, quase machucaram o chapim todo, e os guardas gritaram: “Virgem Nossa Senhora! Deixem, deixem...”. Perguntaram se não havia ali mais ninguém. A dona da casa respondeu: “Não, aí tem somente uma pobre cozinheira porca, que não vale a pena mandar chamar”. Os encarregados da ordem do rei responderam que a ordem era para todas as moças sem exceção, e chamaram pela Borrалheira. Ela veio lá de dentro toda pronta, como no último dia da festa; vinha encantando tudo; foi metendo o pezinho no chapim e mostrando o outro. Houve muita alegria e festas; a madrasta teve um ataque e caiu para trás, e Maria foi para o palácio e casou com o filho do rei.



Sílvio Romero



Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu em 21 de abril de 1851, na Vila de Lagarto, então província de Sergipe. Quando tinha pouco mais de um mês, para protegê-lo de uma epidemia que atingiu a região onde moravam, seus pais o levaram para o engenho dos avós. Foi nesse ambiente cercado pela natureza que viveu até os cinco anos. Depois estudou no Ateneu Fluminense, no Rio de Janeiro. Em 1868, mudou-se para Recife e cursou Direito. Nessa época, participou da fundação da "Escola do Recife", que reunia intelectuais e artistas que buscavam renovar a mentalidade brasileira. Pesquisador incansável, foi crítico, ensaísta, folclorista, professor e historiador da literatura brasileira.

De Antônia, a ama que lhe prestara cuidados e carinhos de mãe quando criança, aprendeu muitas histórias. Talvez tenha vindo daí seu interesse pelas coisas do Brasil. Quando homem feito, continuou encantado pelas narrativas contadas por velhas rendeiras da região onde morava. Esse amor pela tradição popular e a memória da infância o levaram a dedicar-se à pesquisa de fontes populares. Assim, com a paciência de bom ouvinte que era, recolheu muitas histórias de diversas origens: europeia, africana e indígena. A história que você acabou de ler foi publicada pela primeira vez em 1885, na obra *Contos populares do Brasil*.

Rosinha

Rosinha é arquiteta, mas desenvolveu suas atividades profissionais como ilustradora, artista plástica e formadora de leitores. Acredita que essas três áreas dialogam entre si e se complementam.

Pernambucana de Recife, hoje mora em Olinda e diz ter uma forte ligação com a cultura de suas duas cidades. É apaixonada por dança, música, culinária e artesanato nordestino, o que se reflete nos traços de seus trabalhos de ilustração.

Rosinha conta que, encantada ao observar a filha Luiza escolhendo fazendas e modelos para a avó confeccionar vestidos para as festas de 15 anos das amigas, passou a compor as ilustrações de *Maria Borracheira* usando a técnica de acrílica sobre tecidos.



Para Florestan Fernandes, Sílvio Romero "é o primeiro folclorista brasileiro representativo". Um dos objetivos desse incansável pesquisador foi recolher contos populares de diversas origens, na tentativa de estabelecer uma ligação entre a cultura popular e a erudita. O propósito da coleção *Do arco-da-velha - Sílvio Romero* é apresentar ao leitor em formação um pouco desse repertório de histórias que acontecem num tempo muito antigo, onde habitam seres encantados e coisas maravilhosas acontecem.



editora scipione



Glossário

Antojo: ato ou efeito de a mulher grávida sentir enjoo. Também pode expressar o desejo da gestante de comer certos alimentos. A palavra é uma variante regional de *estoujo*.

Botar cerco: organizar um grupo para segurar ou prender pessoa ou animal; preparar armadilha para surpreender alguém em ato suspeito.

Chagado: que está cheio de feridas ou chagas. Também pode ser alguém que está sofrendo de dor ou passando por aflição.



Chapim: sapato feminino de sola grossa e alta, em geral feito de madeira.

Esbabacado: que ficou *basbaque*, isto é, surpreso, espantado ou admirado. Há também a variante *embasbacado*.



De velho: há muito tempo. No conto, "Maria já estava lá de velha", ou seja, fazia tempo.

Fato: intestinos ou miúdos de um animal. Há duas formas, empregadas em linguagem popular, que são sinônimos de fato: *tripa* e *bucho*.

Feridento: que tem muitas feridas ou chagas. Pode ser também substantivo. Exemplo: Conceição deu roupas novas ao *feridento* que mora na praça do vilarejo.

Fiar (*faiemos*; na linguagem culta padrão, o uso correto seria *fizemos*): o mesmo que tecer. Ao dizer isso, as três velhas (bruxas, na verdade) estariam fiando, ou seja, tecendo, tramando o destino de Maria Borracheira.

Gamela: tigela de madeira ou de barro, normalmente de formato arredondado.

Pasmado: muito espantado ou admirado.

Pejada: de acordo com o conto, quer dizer *grávida*.

Porqueira: em linguagem popular, significa *sujeira* ou *porcaria*. Um sinônimo dessa palavra, usado na linguagem culta, é *imundícia*.

Sujidade: o que é muito sujo; o mesmo que *sujeira*, *porcaria* ou *excremento*.

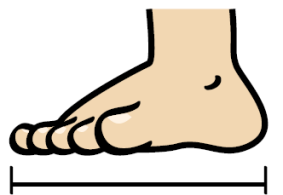
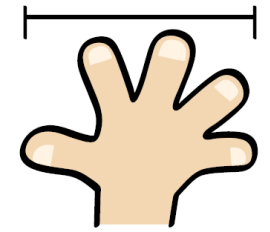
Tarasca: mulher malvada, raivosa e muito feia. Na França, circulava a lenda de que a tarasca era um ser monstruoso que morava nas margens do rio Ródano.

Tata: ser sobrenatural capaz de realizar encantamentos, atos benéficos ou desastrosos. Existe também a forma *tata-de-inquice*.



DICA DE HOJE – 2º ANO

07/04 – TERÇA -FEIRA

Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4	Atividade 5
Leitura	Desafio	Medidas	Medidas	Brincadeira
<p>A criança realizará a leitura de três trava-línguas.</p> <p>Ao final poderá fazer uma competição para ver quem lê rápido e sem errar.</p> <p>Livro texto – Ler e Escrever, pág. 14.</p> <p>ANEXO 3</p>	<p>Antes de realizar as próximas atividades de medida, perguntar a cada participante a quantidade de PÉS e PALMOS que acham que será a medida dos cômodos e objetos citados na sequência.</p> <p>Farão um cálculo estimado, para ao final das medidas compararem com o real resultado.</p>	<p>A criança deverá medir, COM OS PÉS, o comprimento de um caminho marcado no chão: sala até o quarto; banheiro até a cozinha e quarto até o banheiro.</p> <p>Faça registros da quantidade de PÉS obtida.</p> <p>Poderá comparar com a quantidade de PÉS de um ou mais adultos.</p> <p>ANEXO 4</p> 	<p>Agora a criança deverá medir com PALMOS alguns objetos de casa: fogão, geladeira, mesa e sofá.</p> <p>Faça registros da quantidade de PALMOS obtida.</p> <p>Poderá comparar com a quantidade de PALMOS de um ou mais adultos.</p> <p>ANEXO 5</p> 	<p>Corrida do feijão</p> <p>Você vai precisar de:</p> <ul style="list-style-type: none">- feijões;- Copo plástico;- Canudinho. <p>Orientações em ANEXO 6</p>

TIGRES TRISTES

TRÊS PRATOS
DE TRIGO
PARA TRÊS TIGRES
TRISTES.

O SAPO NO SACO

OLHA O SAPO DENTRO DO SACO,
O SACO COM O SAPO DENTRO,
O SAPO BATENDO PAPO
E O PAPO SOLTANDO VENTO.

GATO

GATO ESCONDIDO
COM RABO DE FORA
TÁ MAIS ESCONDIDO
QUE RABO ESCONDIDO
COM GATO DE FORA.

ANEXO 4 – TABELA PÉS

LUGAR	CÁCULO ESTIMADO	PÉS (QUANTIDADE)	NOME
SALA ATÉ QUARTO			
BANHEIRO ATÉ COZINHA			
QUARTO ATÉ BANHEIRO			

ANEXO 5 – TABELA PALMOS

OBJETO	CÁCULO ESTIMADO	PALMOS (QUANTIDADE)	NOME
FOGÃO			
GELADEIRA			
MESA			
SOFÁ			

CORRIDA DO FEIJÃO

Coloquem no chão dois copos por equipe um em cada extremidade da sala, em uma das extremidades, os copos devem estar CHEIOS de grãos de feijão (verifique que o número de grãos seja IGUAL para todos). O primeiro participante de cada time pega um canudo, corre até o copo que contém os grãos de feijão, ASPIRA um grão no canudo e volta com ele até o copo vazio, onde deve DEPOSITÁ-LO. A segunda pessoa só pode partir quando o grão de feijão trazido por quem a precedeu estiver no copo. A primeira equipe que transferir os grãos de feijão de um copo para o outro é a vencedora.

OBS. A brincadeira pode ser feita em dupla também.

DICA DE HOJE – 2º ANO

08/04 – QUARTA -FEIRA

Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4	Atividade 5
Contação	Teatro	Árvore Genealógica	Ajudar na tarefa doméstica	Filme
<p>O adulto irá CONTAR para a criança o conto: “Chapeuzinho Vermelho”.</p> <p>Mas atenção, NÃO é leitura e sim contação.</p> <p>Livro texto – Ler e Escrever, pág. 88 – 91</p> <p>ANEXO 7</p>	<p>Após a contação, a criança juntamente com a família irá fazer um teatro para representar o Conto.</p> <p>Capriche!</p> <p>Faça vídeo!</p>	<p>Juntamente com a família a criança irá construir sua ÁRVORE GENEALÓGICA, pesquisando sobre seus familiares (avós, bisavós).</p> <p>Exemplo ANEXO 8</p>	<p>Ajudar na tarefa doméstica: arrumar a cama e brinquedos.</p>	<p>A FAMÍLIA DO FUTURO</p> <p>Assistir com a família este filme e depois conversar sobre o assunto.</p> <p>Sinopse em ANEXO 9</p>



ANEXO 7 - CONTO

CHAPEUZINHO VERMELHO

Irmsãos Grimm

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de "Chapeuzinho Vermelho".

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho só tinha uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito, mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó. Ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.



— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores.

A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pelo escuro e olhos brilhantes.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina! — disse com voz doce.

— Bom dia! — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho.
— Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?
— Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.
— Muito bem! E onde mora sua avó?
— Mais além, no interior da mata.
— Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.
— Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma ideia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este.

Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolhera para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó.

Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? — perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geleia e manteiga fresca.



A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre avozinha, antes que ela pudesse gritar.

Em seguida, fechou a porta, enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho.

A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o voo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha.

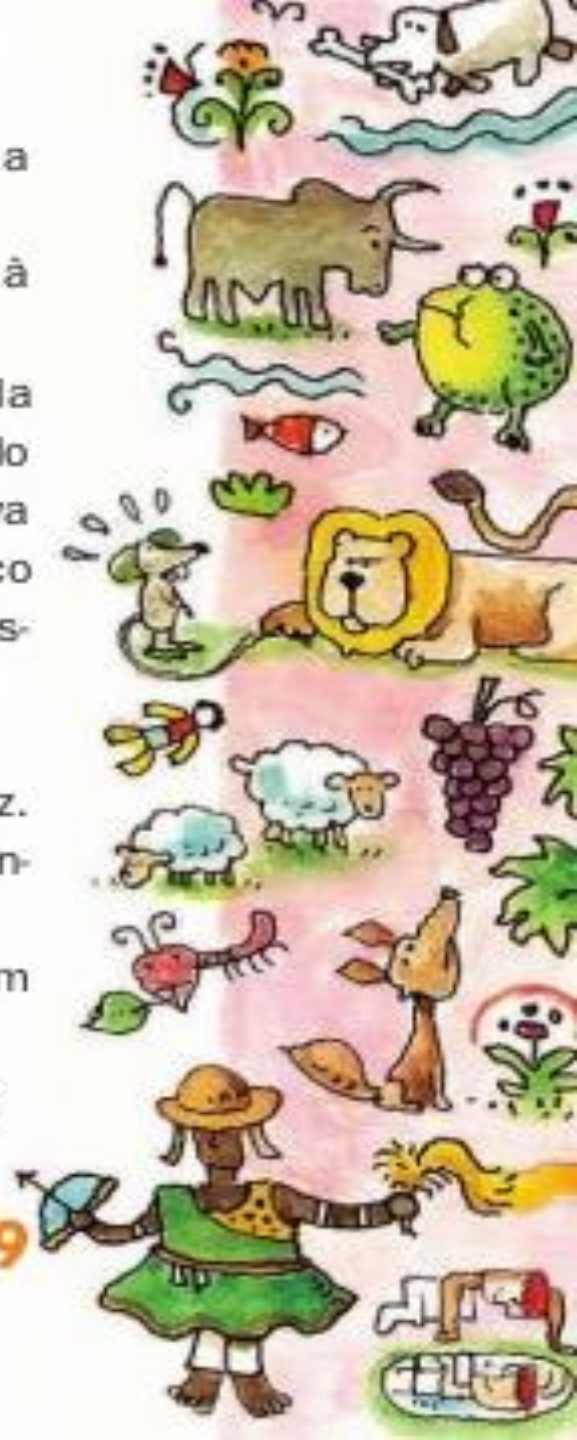
Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geleia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:





— Puxe o trinco e a porta se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta. O lobo estava escondido embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

— Coloque as broinhas, a geleia e a manteiga no guarda-comida, minha querida netinha, e venha aqui, até minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

— São para enxergar também no escuro, minha menina!

— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

— São para ouvir tudo, queridinha!

— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

— É para engolir você melhor!!!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

— Agora estou realmente satisfeito — resmungou o lobo. Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho.



Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bem quentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: "Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal? Vou dar uma espiada."

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cordeirinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver! Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: "Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa salvá-la!"

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho; na segunda, uma cabecinha loura; na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro e tão escuro... Faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador, que arrumou tudo bem direitinho dentro da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito.

Em seguida, os três saíram da casa, esconderam-se entre as árvores e aguardaram.

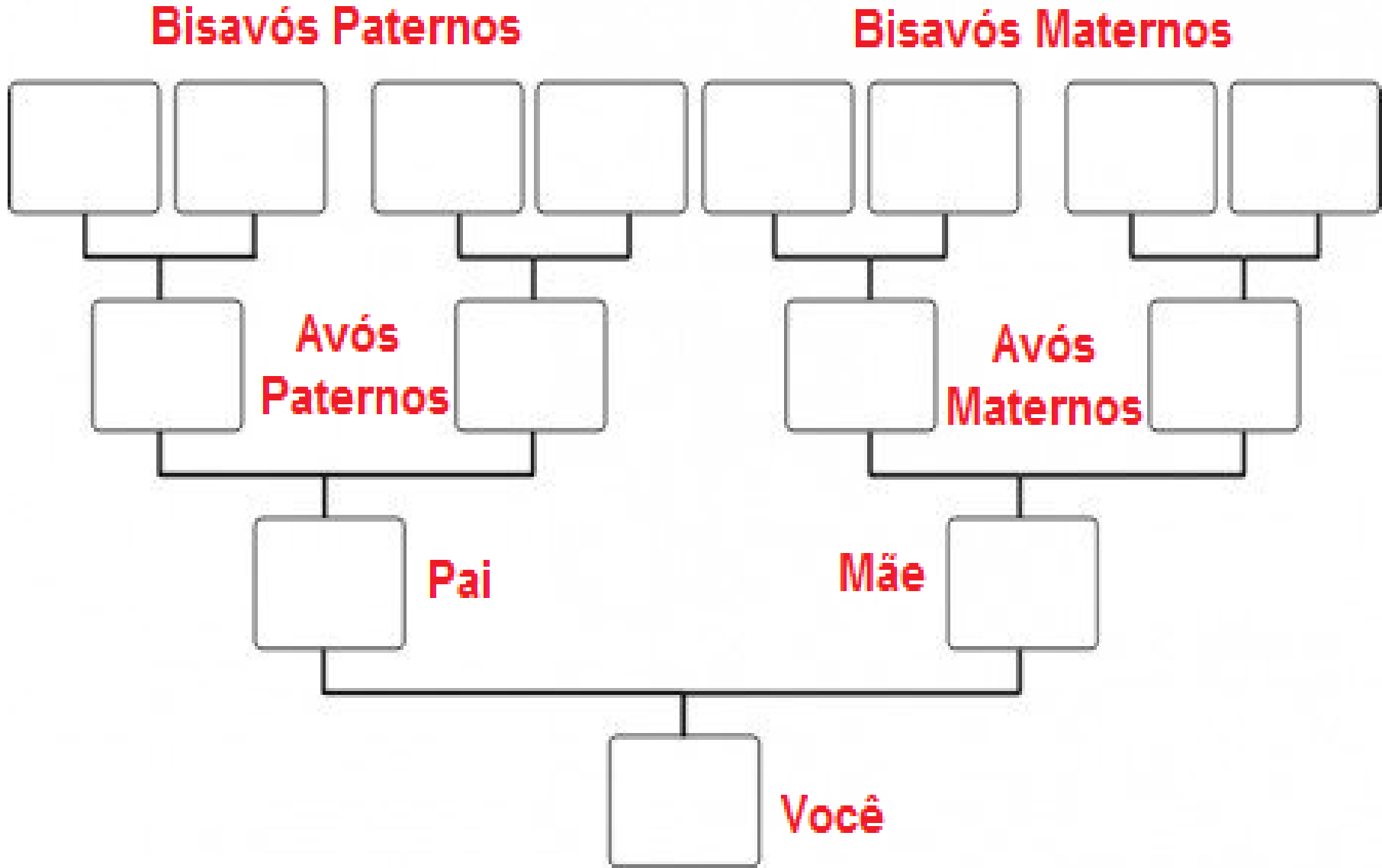
Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego.



O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as brninhas. E Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: "Não pare para conversar com ninguém e vá em frente pelo seu caminho".



ANEXO 8 - MODELO



ANEXO 9 - SINOPSE

LEWIS É UM GÊNIO QUE PERDE AS ESPERANÇAS DE ENCONTRAR SUA INVENÇÃO MAIS RECENTE, QUE FOI ROUBADA POR BOWLER HAT GUY. PORÉM PARA SUA SURPRESA, O JOVEM WILBUR ROBINSON CHEGA PARA LEVÁ-LO A UM PASSEIO EM SUA MÁQUINA DO TEMPO. OS GAROTOS PASSAM UM DIA NO FUTURO COM A FAMÍLIA EXCÊNTRICA DE WILBUR E ACABAM DESCOBRINDO UM SEGREDO.



2º ANO
09/04 – QUINTA -FEIRA



PONTO FACULTATIVO

2º ANO
10/04 – QUINTA -FEIRA

FERIADO

BOA SEMANA!

**EQUIPE DE FORMAÇÃO
CONTINUADA – SME UBATUBA**

